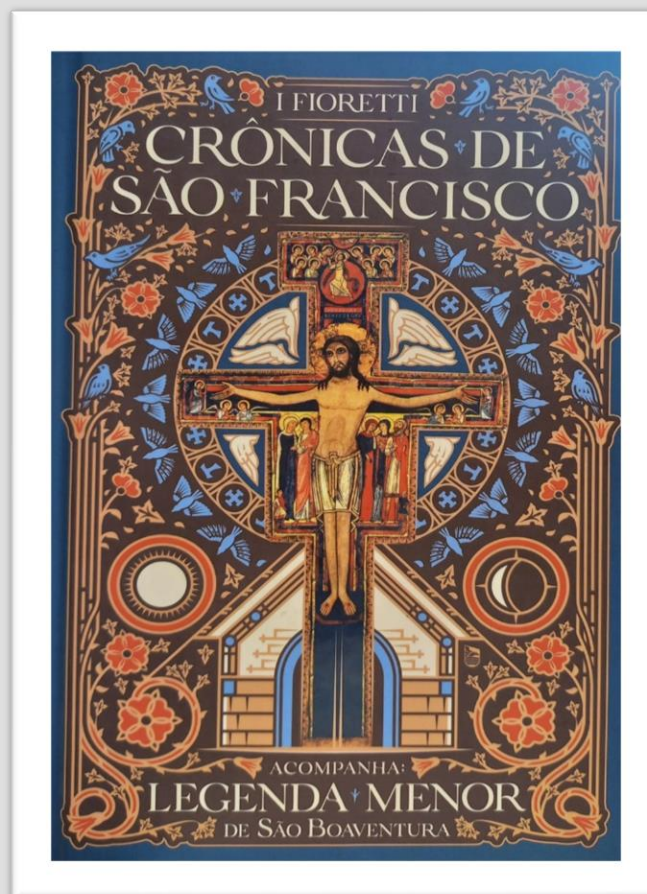


## RESENHA DE: “CRÔNICAS DE SÃO FRANCISCO: I FIORETTI” POR ALEX SILVA COSTA

### Review of: “Chronicles of San Francisco: I Fioretti” by Alex Silva Costa

Alex Silva Costa (UFMA)<sup>1</sup>  
PPGHIS-UFMA-CAPES  
ORCID: [0000-0002-1689-4542](https://orcid.org/0000-0002-1689-4542)  
E-mail: [alexandrecoستا03@hotmail.com](mailto:alexandrecoستا03@hotmail.com)

Recebido em: 20/06/2018  
Aprovado em: 20/01/2019



CRÔNICAS de São Francisco: I Fioretti/; tradução: Veríssimo Anagnostopoulos. –Dois Irmãos, RS: Minha Biblioteca Católica, 2021.

Ao ser presenteado pela Doutoranda Elisângela Coelho Morais (PPGHIS-UFMA) com a recente tradução lançada em 2021 de *I Fioretti di San Francesco* realizada por Veríssimo Anagnostopoulos e lançada pela editora Minha Biblioteca Católica. Na versão optou-se pelo título *Crônicas de São Francisco*, o que traz diferenças em relação a uma tradução mais aproximada que seria *Florezinhas/Florinhas de São Francisco*. A atribuição “Crônicas” nem por isso deixa de ter sentido, ao contrário, confere condição semântica ao gênero textual por justamente apresentar textos curtos que apresentam episódios vividos de maneira exuberante e mística por Francisco de Assis e seus companheiros e discípulos destes. Por isso, apressei-me a desfrutar da novidade do material por ser uma fonte de pesquisa que há tempos trabalho para a construção da tese, “*Nos qui cum eo fuimus*”: representação e memória do milagre dos estigmas de Francisco de Assis nas hagiografias franciscanas “não oficiais” (séculos XIII e XIV), junto ao PPGHIS-UFMA e sob a orientação do Prof. Dr. Marcus Bacega (UFMA).

Primeiramente daremos destaque especial para a capa da publicação, nela o leitor (a) terá a imagem do emblemático Crucifixo de São Damião de estilo românico, só aqui podemos pensar que vale comprar o livro pela capa. Enfatizamos que o Cristo na imagem não se apresenta pregado na cruz, está ressuscitado e não morto, glorificado e com os olhos abertos a quem o observa. É rica a interpretação joanina que destaca o Cristo como luz do mundo, pois, “para João a ‘subida’ do Filho ao Pai, depois da morte, e a sua entrada corpórea no céu da glória, realizam-se no próprio dia da ressurreição. Não me parece que se possa duvidar que esta ‘gloriosa’ paixão seja descrita em grande parte também pelo Crucifixo de São Damião” (ASSELDONK, 1989, p. 16). Foi também a imagem do Crucifixo que se comunicou com Francisco de Assis segundo a *Vita Secunda* (1247) de Tomás de Celano; o então jovem Francisco ao entrar por inspiração divina na igreja de São Damião durante seu processo de conversão, ao se ajoelhar diante do Crucifixo recebera a seguinte mensagem: “Francisco, vai e repara minha casa, como vês, está toda destruída” (2C, 1997, p. 294). Polêmica à parte, devido à voz que se comunicou como o santo ter vindo dos próprios lábios do Crucificado, para Tomás de Celano, ou da voz ter vindo da Cruz para Boaventura, o que retira um pouco, o caráter miraculoso da situação, já que os lábios não teriam se movido.

Além disso, vamos entrar no universo do livro em questão, os *I Fioretti* são uma compilação de escritos de 53 capítulos redigidos no século XIV. Classificado também

como biografia episódica com grande popularidade na atual Itália por ser fruto de tradições orais religiosas. Fazem parte de uma tradição oral advinda dos discípulos de Francisco de Assis, ao qual temos Leão, Masseo, Egídio, dentre outros, que por sua vez foi repassada pelos discípulos destes, até ser definida sua compilação no século XIV. Está ligada aos *Atos de São Francisco e de Seus companheiros* que começou a ser juntado no fim do século XIII e com término no início do século XIV. Para além destes detalhes, é bom enfatizar um pouco sobre o caráter histórico da obra, visto por muitos como ceticismo por ter lendas misturadas com tradições orais diversas que visão a edificação de personagens e situações específicas, o conteúdo dos *I Fioretti* durante tempos foi mais aceito sob o seu ponto de vista poético exemplar, o que fez sua lírica religiosa ser bem aceita. Neste sentido, “é ocioso lembrar que há também autores que não vêem nenhum valor nos *Fioretti*. Mas eles estão aí, com toda sua poesia e encanto, como que alheio a este extremismo” (SILVEIRA, 1997, p. 44). Por isso, devemos ter cuidado ao analisar historicamente a obra, se estivermos esperando uma datação específica com um enredo concreto fixado em provas e documentos não o encontraremos. Todavia, devemos pensar que esse material faz de um tempo histórico, onde sua funcionalidade não estava preocupada com o rigor histórico, mas sim com a edificação da espiritualidade franciscana. Tem em certa medida caráter hagiográfico, pois traz a tona milagres, modelos de vida religiosa e exemplos de virtudes. No entanto, não pode ser tomada como uma biografia rígida e normativa. Apresenta, no entanto, aspectos biográficos de alguns discípulos de Francisco de Assis como o de Frei Bernardo de Quintavalle apresentado no Capítulo II como o primeiro companheiro do santo.

A obra contém episódios marcantes para a espiritualidade franciscana, muitas narrativas virtuosas que elevam os princípios da *fraternitas* franciscana, dentre elas, podemos citar a do estimável Capítulo VIII que trata sobre a “perfeita alegria”. Concepção espiritual valorosa para muitos seguidores da fé franciscana, principalmente porque ela reflete muito dos ensinamentos do próprio santo sobre a humildade, constitui-se como uma verdadeira admoestação sobre como suportar as tribulações terrenas. Assim, o questionamento feito ao companheiro Leão está sempre condicionado não ao que de bom fazemos, mas o que com discernimento e paciência suportamos: “Frei Leão, ainda que os frades menores por toda a terra deem grande exemplo de santidade e de boa edificação, não obstante, escreve e anota diligentemente que não está

ai a perfeita alegria” (CRÔNICAS, 2021, p. 43). Bem reflexiva, a narrativa impõe uma variedade de tribulações por qual Francisco de Assis e Frei Leão passam no caminho de Perúgia a Santa Maria dos Anjos em meio ao inverno e frio tenebroso, as situações colocadas a Frei Leão colocam em dúvida inclusive o limite humano, ou seja, até quando e porque suportar tais sofrimentos sem nos desanimar. Assim, o santo conclui ao seu companheiro: “acima de todas as graças e de todos os dons do Espírito Santo, os quais Cristo concede a seus amigos, estar o de vencer a si mesmo e, de bom grado, por amor de Cristo, suportar as penas e as injúrias, os opróbrios e transtornos” (CRÔNICAS, 2021, p. 46). De notório destaque, o capítulo na obra nos faz suscitar o quanto Francisco de Assis suportava as adversidades do mundo, ou seja, não temia a dor e usava a penitência a seu favor, ao contrário de muitos, via o sofrimento como uma forma de se aproximar de Deus.

No Capítulo XVI temos a preciosa pregação de São Francisco aos pássaros em Bevagna, o caso, por diversas vezes foi representado no universo iconográfico do primeiro século franciscano, Giotto di Bondone seria a figura de destaque nesse período pela realização do ciclo da vida de São Francisco entre os anos de 1290 a 1295. A admiração na pregação do santo está na obediência da escuta dos seres irracionais, os pássaros e sua diversidade de espécies na questão, já que, “ainda que São Francisco caminhasse entre eles e os tocasse com sua capa, nenhum se mexia” (CRÔNICAS, 2021, p. 78). Em um segundo momento do milagre o que causa impacto é a interação dos animais durante a pregação, é que eles se manifestaram com um gestual peculiar para transparecer que concordavam com as palavras inspiradoras declaradas pelo santo, pois, “todos aqueles passarinhos começaram a abrir os bicos, espichar os pescoços, abrir as asas e inclinar cheios de reverência a cabeça até o chão; e com atos e gorjeios demonstravam como o padre santo lhes dava grande deleite” (CRÔNICAS, 2021, p. 79). O milagre da pregação os pássaros de Francisco de Assis despertou interesse em diversos historiadores do franciscanismo dado à quantidade de representações imagéticas e teológicas do acontecimento descrito na narrativa. Por isso, cremos que a reverberação constante do milagre nos ajuda a entender melhor a relação de Francisco de Assis com os animais, não só, umas mais aclamadas interpretações sobre o referido milagre é de Chiara Frugoni (2011), que o enxerga como um possível vocabulário das categorias sociais da região.

Chiara Frugoni (2011) em seu estudo sobre a pregação de Francisco de Assis aos pássaros nos apresenta um debate importante sobre a figuração dos pássaros na cena do milagre, a ela, na literatura medieval, as várias categorias de pássaros frequentemente indicam as diversas camadas sociais: “por exemplo, as aves de rapina, instrumentos de caça para os senhores, amiúde simbolizam esta casta, ao passo que a pomba significa o humilde e empenhado pregador; a gaivota, os fiéis que não são atraídos pelas vaidades do mundo” (FRUGONI, 2011, p. 91). Por fim, a historiadora ainda destaca de forma crítica que a representação do rumoroso milagre mostra explicitamente o projeto de Francisco de Assis que seria, o de “difundir por toda a parte a palavra do Evangelho, até às criaturas irracionais-, mas anula sua ousadia ao registrar não o contato cotidiano e efetivo do santo com outros homens, e sim o contato, possível apenas a ele, com uma multidão de pássaros” (FRUGONI, 2011, p. 95). Além disso, não podemos deixar de compreender que todos os elementos religiosos e políticos que envolvem o milagre da pregação aos pássaros fazem parte da reverberação da memória de um santo que tem uma ligação especial com as criaturas de Deus, não foi este o único milagre que teve como personagens “animais”. Neste sentido, Francisco de Assis vai além, estabelece uma relação direta entre Cristo e os cordeirinhos, não só, Tomás de Celano relata que Francisco de Assis utiliza até os “vermes” como modelo analógico de Cristo. Afirmava que o santo: “Tinha um amor enorme até pelos vermes, por ter lido sobre o Salvador: Sou um verme e não um homem. Recolhia-os por isso no caminho e os colocava em lugar seguro, para não serem pisados pelos que passavam” (IC, 1997, p. 236). Neste sentido, percebemos que o santo utilizava todas as criaturas sensíveis e insensíveis como modelo analógico de Cristo. Boaventura na *Legenda Maior (LM)* de 1263 descreve que Francisco de Assis, “percebia que em cada uma das criaturas, como derivações, percebia ele, com extraordinária piedade, a fonte única da bondade de Deus e, como a harmonia preestabelecida por Deus entre as propriedades naturais dos corpos e suas interações” (LM, 1997, p. 525). Por fim, Francisco de Assis, pelo viés das situações apresentadas considerava que poderia encontrar o Cristo em todas as coisas, sem distinção ou privilégio.

O Capítulo XXI traz a memorável e edificante lenda da conversão do lobo de Agobbio, dotada de personagens e cheia de elementos misteriosos, a mesma narra que havia nesta cidade um lobo feroz, indomável, que estava devorando animais e humanos de maneira terrível. São Francisco então se compadecendo dos habitantes do local

resolveu ter um encontro com o animal, os presentes na cena ficam abismados não só com a coragem, mas também com a dificuldade da tarefa, e não é que ao deparar-se com o lobo, o mesmo, se colocou aos pés do santo de maneira dócil e afável, firmou um pacto com o animal, e deu-lhe ordens para que não viesse mais a cometer os terríveis atos de outrora e em troca, os populares deveriam alimentá-lo e respeitá-lo. A conversa com o lobo é antes de tudo, um conforto para a angústia da população, mais que isso, era um novo tempo paz. No acordo, disse São Francisco: “Ouvi, irmãos meus: o irmão lobo, que está aqui diante de vós, me prometeu e deu-me fé de fazer as pazes convosco e nunca mais ofender-vos em coisa alguma; vós, então, prometei dar-lhe todo dia as coisas necessárias, e eu entro como seu fiador” (CRÔNICAS, 2021, p. 102). Este aclamado encontro foi por diversas vezes utilizado como inspiração para a construção de imagens, seja no ambiente interno dos templos religiosos quanto no espaço externo, em frente às igrejas, por exemplo. Sobre a questão, é comum vermos imagens de Francisco de Assis tocando com suas mãos as patas de um lobo como se ambos estivessem selando um acordo. Por isso, sempre chamamos atenção para a relação texto e imagem, onde variadas vezes a palavra serviu de base para a construção do imagético.

Abaixo, temos uma imagem tridimensional de São Francisco de Assis com o lobo de Gubbio a lhe dirigir o olhar em admiração e obediência, o santo sob um pedestal com uma placa de identificação, tem uma estatura compatível com a humana, vestindo o hábito conventual cinza, com o cordão branco na cintura, os pés descalços e as mãos estendidas para o alto de forma a abençoar e interceder pelo o que está a sua frente. Aqui a imagem encontra-se no ambiente externo, fora da Igreja, mas ligada a ela, ou seja, é uma praça dedicada ao santo. Além disso, a imagem apresenta-se de costa para o templo devocional, diferente de muitas imagens religiosas que se voltam para a própria Igreja em projetos ornamentais semelhantes. A opção de colocar a imagem voltada para a rua coaduna com o modo de vida escolhido por Francisco de Assis e seus companheiros, sua atuação religiosa não foi objetivada para ficar dentro das igrejas, ao contrário, seguiu os passos de Cristo ao optar por uma vida religiosa itinerante de levar o Evangelho a todas as criaturas. Assim, o que Francisco de Assis desejou inicialmente para sua *fraternitas* não foi a clausula dos mosteiros, longe disso, foi a experiência de uma vida religiosa pensada nos pobres, leprosos e outros sujeitos oprimidos socialmente que estavam principalmente no ambiente urbano do século XIII para ser seu público alvo, o que não significa dizer, que não operou no ambiente rural.



**Figura 2- Imagem de São Francisco de Assis com o lobo de Gubbio. Foto: Alex Costa, 22/02/2022.**

No Capítulo XL temos o esplêndido sermão de Santo Antônio aos peixes que aconteceu na comuna de Rimini, ao tentar pregar aos moradores da região o santo não teria conseguido e por isso, muitos foram considerados hereges por não estarem dando crédito às palavras do franciscano. Assim, Santo Antônio tomou um dia a atitude de abandonar aquelas pessoas e então se encontrar com os animais aquáticos, e o milagre basicamente consiste nisso, só que incrivelmente ao se dirigir por inspiração divina até a beira do rio perto do mar, o santo começou a pregar aos peixes. E para espanto ou admiração de muitos presentes, “subitamente veio-lhe à beirada tamanha multidão de peixes grandes, pequenos e medianos, como jamais naquele mar ou naquele rio se vira; e todos tinham as cabeças fora da água, todos atentos à face de Santo Antônio, todos em gigantesca paz, mansidão e ordem” (CRÔNICAS, 2021, p. 178). Ao longo dos tempos a narrativa deste milagre ganhou notoriedade, aclamou ainda mais a fama de pregador do santo franciscano, foi utilizada por outros valorosos pregadores. O mais emblemático caso foi o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* do Padre Antônio Vieira pregado em São Luís do Maranhão em 13 de junho de 1654, ou seja, no dia do santo franciscano, e

três dias antes de embarcar em segredo para Lisboa em Portugal durante o reinado de Dom João IV.

O Padre Antônio Vieira ao utilizar de sua oratória e habilidade sátira denuncia os desmandos e vícios praticados pelos colonos da região que estavam em conflito com os Jesuítas por causa da questão indígena, principalmente no que tange a utilização de sua mão de obra. Para isso, realizou um paralelo alegórico entre variados tipos de peixes e os maus hábitos dos colonos para poder atacá-los em sua oratória. Desta forma, o Padre Antônio Vieira faz uso de seu conhecimento teológico para atingir politicamente seus adversários: “Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, e com quê? Um homem do mar com uns retalhos de pano. Vem um mestre de navio de Portugal com quatro varreduras das lojas, com quatro panos e quatro sedas, que já se lhes passou a era e não têm gasto” (SATP, 2022, p. 13). Por fim, convém lembrar que Santo Antônio é um santo franciscano que teria sido admitido na ordem mendicante em 1220, é muito venerado ao redor do mundo justamente por sua fama de pregador e milagreiro. Mas não só, na cultura popular também é muito presente, com alcunha de casamenteiro é muito cultuado nas festas juninas quando sua data (13/06) abre “oficialmente” as comemorações festivas em relação aos outros santos festejados, a saber, São João (24/06), São Pedro (29/06) e São Marçal (30/06).

Por último e não menos importante, destacamos que outra obra de suma importância para os estudos franciscanos, principalmente os ligados ao primeiro século da Ordem dos Frades Menores veio acompanhado com as *Crônicas de São Francisco*. O material em questão é a *Legenda Menor (Lm)* de Boaventura de Bagnoregio nascido entre 1217-221 e falecido em Lyon em 1274. Para entender um pouco da criação da obra em questão, devemos entender que o seu o contexto de produção está atrelado com o da *Legenda Maior (LM)* que fora confiada em 1260, no Capítulo Geral da Ordem, realizado em Narbone, a Boaventura, que na época, ocupava o cargo de Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores. A obra ficou pronta em 1263 e, três anos depois, Boaventura Bagnoregio tomou a decisão de tornar sua obra a única “biografia oficial” de Francisco de Assis, e para garantir o grande teor de “oficialidade”, “determinou que as obras posteriores escritas sobre o santo fossem destruídas, medida que não foi concluída por inteiro” (LE GOFF, 2007, p.52). A *Legenda Menor (Lm)*, também escrita por Boaventura, surge neste contexto de exclusão de memórias e padronização de oficialidades. Ela tem uma funcionalidade direcionada, era somente para uso litúrgico,



por isso é mais sintética, usada principalmente em festas e ocasiões especiais da Ordem pelos frades, a nós é importante porque foi uma escrita de manuseio direcionada aos clérigos.

Por fim, cremos que dada à importância das obras em questão o leitor (a) terá em mãos um material altamente qualificado tanto para pesquisa histórica quanto para a edificação espiritual, isto porque muitos religiosos e devotos ainda se inspiram na espiritualidade franciscana como modo de vida, ou seja, existe uma conduta de permanência. E mesmo que haja objeções em relação à forma dos acontecimentos relatados na obra e desconfiança dos milagres nas *Crônicas de São Francisco*, o que é compreensível para a pesquisa, não se pode negar que essas adversidades não descredenciam a edificação da memória do conjunto religioso franciscano por ora apresentado. E isto se deve ao fato, da atuação religiosa e social de Francisco de Assis e seus companheiros ter mudado a trajetória histórica e religiosa da Igreja no período medieval. Evidência incontestável observada com maestria por Hilário Franco Júnior que destacou da obra *O Tempo das Catedrais* que para DUBY Francisco de Assis “foi com Cristo, o grande herói da história cristã” (FRANCO JÚNIOR, 1986, p. 121).

## Referências

### Fontes Primárias:

**CRÔNICAS de São Francisco:** I Fioretti/; tradução: Veríssimo Anagnostopoulos. – Dois Irmãos, RS: Minha Biblioteca Católica, 2021.

**SATP- Sermão de Santo Antônio aos Peixes.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000257.pdf>. Acesso: 22/02/2021.

*Legenda Maior (LM) e Legenda Menor (Lm), São Boaventura*, tradução: Frei Romano Zago, O.F.M. *Vita Prima (1C) e Vita Secunda (2C) de São Francisco, Tomás de Celano*, Tradução: Frei José Carlos Pedroso. In.: **São Francisco de Assis:** escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do século franciscano. Seleção e organização: Frei Ildefonso Silveira, O.F.M e Orlando dos Reis. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

### **Obras Específicas:**

ASSELDONK, Van Optato, O.F.M.Cap. **O Crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco**. Tradução: Danilo Biasi, O.F.M.Cap. CEFEPAL: Ed. Vozes, Petrópolis, 1989.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: O nascimento do ocidente**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

FRUGONI, Chiara. **Francisco de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Tradução: Marcos de Castro. 8<sup>o</sup>ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SILVEIRA, Ildelfonso (OFM). **São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do século franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1997.

### **Notas**

---

<sup>1</sup> Alex Silva Costa é Doutorando em História e Conexões Atlânticas: culturas e poderes pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bolsista de doutorado da CAPES. Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Graduado em História Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Desenvolve estudos em duas áreas de pesquisa, são elas, a História Cultural e a História Medieval.